TAKE A DEEP

BREATH

THIS IS YOUR LAST CHANCE

YOUR LAST SATISFACTION

Pegasus Lançamento

Apresenta

Mais uma tortura

PORQUE VOCÊ É MINHA

PARTE VIII

PORQUE EU SOU SEU...

(BECAUSE YOU ARE MINE)

Beth Kery

EQUIPE PL

Disponibilização: Soryu

Tradução: Márcia de Oliveira

Revisão Inicial: Raquel

Revisão final: Carla Noble

Leitura Final: Soryu

Comentários

—Uma história que te segura do início ao fim, (clichê) é apaixonante e viciante mesmo... Você quer sempre mais... quando termina um capítulo você se pergunta... e agora?!?!?! OMG... quero saber, quero saber o que acontece!!!!—

— Revisora Raquel

—Que história mais empolgante e enervante minha gente! Mais posso dizer com certeza que me apaixonei pelos personagens. Pela ingenuidade de Francesca e até mesmo pela sua beleza, ela é linda, inteligente, e talentosa. É uma mocinha com suas neuras e traumas que não vivia num conto de fadas mais nem por isso se deixou abater e seguir com sua vida. E assim ela conheceu Ian Noble.

Ah o Ian... Que homem delicioso!!! E que homem impetuoso, inteligente, rico, ai ai ai o que mais dizer sem estragar a leitura? Bom mais o que mais me marcou no Ian foi sua maneira em encantar a Francesca, em um dos livros ele a leva pra jantar e ela com suas neuras sobre sua beleza ele fala uma frase que me marcou e que me fez desejar ardentemente que meu marido pensasse assim...

Meninas leiam e se deliciem com esse romance ardente, apaixonante, e um pouquinho de BDSM. E que todas possam encontrar seus Ian Noble..

— Revisora Carla Noble

—Um romance maravilhoso, que conta a historia de um homem com um passado sombrio:

Ian Noble, um viciado em trabalho que vive na solidão, e acha que não é digno de amor, guarda um segredo obscuro, ele é praticante de BDSM, um dominador nato que busca submissas, sem grandes relacionamentos, que satisfarão se grande desejo!

Seu mundo muda, completamente ao conhecer Francesca Arno, uma jovem perturbada com baixa auto estima, de grande beleza.

Os dois se conhecem e é paixão a primeira vista. Um desejo tordido e cruel. Invade a alma dos nossos protagonistas.

Francesca Arno não é uma mulher comum é uma artista e arquiteta, que vive cheia de duvidas e retrações devido a uma infância e adolescente conturbada. Ela sente que não pertence a nenhum lugar, e dentro do seu ser pensa que necessita de alguém que tome todas as rédias do seu destino.

Francesca não sabe mas ela é uma submissa NATA!

Então deslumbramos o encontro de um maniaco por trabalho e controle e uma mulher que anceia ser amada e controlada...

São oito romances, que apresentam como duas pessoas diferentes, cheias de problemas conseguem se organizar e manter um novo romance...

É um romance bom? Sim é! Vale apena ler!

É um romance viciante, gostoso, muito diferente do que se acha por ai!

É como uma novela nos ultimos capitulos depois que você começa a ler, não consegue parar!

E um grande lançamento, e espero que vcs apreciem tanto como eu—

— Revisora Soryu

—Uma historia realmente perversa— – Jaci Burton

—Essa historia é tão quente que faz fumaça nas paginas— – Fallen Angel Reviews

—Um dos melhores romances eróticos que eu já li— All About Romance

—Minhas sobrancelhas quase chamuscaram— – Dear Author

Segredos são expostos, o amor é desafiado, o futuro está comprometido, quando Francesca e Ian enfrentam uma inevitável decisão que irá mudar suas vidas para sempre não percam a explosiva e surpreende conclusão da série Porque você é minha, da autora Best-seller Beth Kery.

Sinopse

Desde o primeiro encontro Ian e Francesca, uma atração mútua, puramente física acende entre eles. Isto não pode ser ignorado - apenas satisfeito, evoluindo para um vínculo de subjugação prazeroso. Mas sensualidade desperta de Francesca deixou-a querendo mais. Se relacionar com um homem tão misterioso e fechado como Ian era um desafio que ela nunca esperava.

Francesca sabe que há apenas um caminho para que esse relacionamento de certo - seguir Ian para Londres e mostrar-lhe que ela não quer que ele sofra sozinho. Mas quando o tormento do seu passado e interior revelado, ele experimenta uma mistura quase insuportável de emoções com a mulher que se atreveu a amá-lo, apesar de seus demônios interiores. Depois de expor Francesca aos limites de sua angústia, ele se pergunta se a perdeu para sempre. Ele pode se arriscar o suficiente para se comprometer com a verdadeira intimidade ... e uma coisa chamada amor?

Capítulo Quinze

Davie se ofereceu para ir com ela para Londres, mas Francesca recusou. Quando ela disse a Davie sobre seus planos, tinha sido propositadamente vaga e enganosa, disse que descobriu através da Sra. Hanson que Ian estava tendo problemas familiares em Londres e ela decidiu ir lá para oferecer apoio.

Na verdade, ela não queria que Davie descobrisse que ela não tinha a mínima ideia do queria fazer quando descesse do avião em Heathrow. A única coisa que sabia era que Ian estava angustiado com algo em Londres, e que ele tinha escolhido proteger os outros em sua vida, de sua dor.

Ele ficaria furioso com ela, se, por algum milagre, ela conseguisse localizá-lo. No entanto, ela não podia suportar a ideia dele sofrer sozinho, além do que ela estava absolutamente convencida de que essas visitas de "emergência" a Londres estavam relacionadas com os demônios espirituais que o atormentava.

Além disso, se o que estava em Londres, estava destinado a destruir o futuro deles, não é melhor apenas descobrir agora, em vez de adiar o inevitável?

Ian tinha ligado durante o vôo de O'Hare de Heathrow, ela percebeu quando desembarcou. Ela esperava por isso, considerando que realmente não sabia tinha ideia do que fazer, quando chegou em Londres. No entanto, quando tentou retornar a sua ligação, caiu em seu correio de voz.

Desanimada, ela permaneceu no aeroporto, trocando moeda, pegando sua bagagem, esperando por algum tipo de milagre para

descobrir à localização do apartamento de Ian ou o seu paradeiro. Quando nada veio em sua mente, e ainda não tinha conseguido fazer contato com Ian, pegou um táxi e disse ao motorista o único lugar que ela tinha conectado Ian e suas viagens a Londres.

—Instituto de Tratamento e Pesquisa Genômica[1]—, disse ao motorista, referindo-se ao hospital e centro de pesquisa de esquizofrenia que tinha lido no tablet de Ian. Ela lembrou que a Dra. Epstein havia mencionado "o Instituto". Será que ela estaria se referindo Instituto de Tratamento e Pesquisa Genômica? Que outras pistas que ela tem sobre sua possível localização?

Quarenta minutos depois, o taxista parou na entrada de vidro fechado ultramoderno, do instituto, que abrigada um parque arborizado, com belas paisagens. Ao longe, ela vislumbrou vários pares de pessoas andando num prado verdejante, uma pessoa do par sempre vestindo branco. Eram enfermeiras ou assistentes com os pacientes?

A incerteza a atingiu como um golpe, agora que estava lá sentada na parte de trás do táxi. Que diabos ela estava fazendo? Que loucura a fez saltar de um avião e vir para um hospital em uma parte remota de Londres, onde não conhecia ninguém e não tinha razão para estar presente?

O motorista estava dando a ela um olhar interrogativo.

—Você se importaria de me esperar?—, Ela perguntou-lhe nervosamente enquanto lhe entregava o pagamento.

—Eu posso esperar dez minutos somente—, disse ele bruscamente.

---

[1] **Genômica** é estudo dos genomas de organismos. O campo inclui esforços intensivos para determinar a sequência de DNA completa de organismos e esforços de mapeamento genético.

—Obrigada—, disse ela. Se essa viagem fosse um beco sem saída, ela saberia em breve.

Ela piscou quando entrou no saguão, um momento depois. Não era exatamente como o lobby das Empresas Noble em Chicago, mas havia semelhanças, as elegantes madeiras quentes, mármore rosa-bege e mobiliário em tons neutros.

—Posso ajudar?— Uma jovem sentada atrás de uma mesa circular perguntou quando ela se aproximou.

Por alguns segundos, Francesca ficou lá sem palavras. Então, algo bateu em seu cérebro, e ela disse o que pensava antes mesmo de processar.

—Sim. Eu gostaria de ver a Dra. Epstein, por favor.

Seu coração parou por uma fração de segundo que se estendia surrealmente enquanto ela olhava para a expressão em branco da mulher.

—Certamente. Como devo anunciar a Dra. Epstein sua visita?

Ela exalou em uma explosão de alívio e logo experimentou uma onda posterior de ansiedade.

—Francesca Arno. Eu sou uma amiga de Ian Noble.

Os olhos da mulher se arregalaram com isso.

—Imediatamente Sra. Arno—, disse ela, pegando o telefone.

Ela esperou extremamente tensa, enquanto a recepcionista falava com várias pessoas, a última Dra. Epstein. O que a médica poderia estar pensando, ao escutar que uma completa estranha, era amigo de Ian Noble, estava a procurando num Instituto? Infelizmente, Francesca não poderia saber muito da conversa unilateral que ela ouviu. A recepcionista desligou o telefone.

—A Dra. Epstein diz que virá ao lobby pessoalmente. Posso oferecer-lhe qualquer bebida enquanto espera?

—Não, obrigada—, disse Francesca. Ela não achava que alguma entrasse em seu estômago, que muito embrulhado. Ela apontou para uma área de estar confortável logo atrás dela. —Eu só vou sentar e esperar.

A recepcionista acenou cordialmente uma vez e voltou para sua papelada. Cinco minutos depois a Dra. Epstein apareceu no lobby, cinco longos e tortuosos minutos. Francesca saltou de sua cadeira como se ela estivesse em molas quando reconheceu a médica, agora vestindo um jaleco branco sobre um vestido escuro sofisticado verde. Uma mulher elegante caminhava a seu lado, sua roupa casual, mas, obviamente, da mais alta qualidade e requinte. Francesca tem uma impressão passageira que, embora a companheira da Dra. Epstein fosse mais velha, na casa dos setenta, talvez, ela estava cheia de saúde vibrante.

—Francesca Arno?— A Dra. Epstein consultou quando se aproximou. Ela estendeu a mão, e Francesca a tomou.

—Sim, eu sinto muito chegar inesperadamente, mas...

—Qualquer amigo de Ian é bem-vindo.— O tom da médica estava quente, mas foi a curiosidade ou perplexidade, que viu em sua sombra

característica quando ela estudou Francesca. —Eu acredito que você ainda não encontrou com a avó de Ian? Francesca Arno, a Condessa Stratham, Anne Noble.

Francesca olhou em choque para a atraente mulher idosa. Por um momento, horrorizada, ela se perguntava se deveria se curvar ou algo assim para uma condessa? Certamente havia alguma etiqueta que ela não sabia, e sua americanidade desastrosa seria apresentada desde o início?

Graças a Deus, a condessa notou seu desconforto antes que ela começasse a gaguejar como uma tola.

—Por favor, me chame de Anne,— a avó de Ian disse calorosamente, estendendo a mão. Francesca a olhou nos olhos que imediatamente fizeram lembrar Ian, azul cobalto, afiado e incisivo.

—Eu acho que vim ao lugar certo—, murmurou Francesca quando ela apertou a mão suave de Anne.

—Você não estava certa?— Anne perguntou.

—Não, não inteiramente. Eu estava. . . procurando por Ian.

—É claro que estava—, disse Anne com naturalidade, elevando a ansiedade e confusão de Francesca. —Ele mencionou seu nome para mim, embora eu não soubesse que você estaria vindo para Londres. Ian está fora no momento, fazendo uma caminhada no terreno, então eu vim cumprimentá-la em seu lugar.

—Então, Ian está aqui?— Francesca perguntou, a voz soando com o choque.

Anne e a Dra. Epstein trocaram um olhar.

—Você não sabia que ele estava?— Anne perguntou.

Francesca experimentou uma sensação de naufrágio, quando ela balançou a cabeça em negativo.

—Mas você deve saber que minha filha esta aqui, pelo menos?

—Sua. . . filha?— Francesca perguntou, sua cabeça girando. A entrada de vidro fechado de repente parecia muito brilhante, lançando um brilho surreal em tudo. Se não se enganava a Sra. Hanson disse que os avós de Ian tiveram apenas um filho?

—Sim, minha filha, Helen. Mãe de Ian. Ian foi dar um passeio com ela agora. Graças a Julia que trabalha duro do Instituto,— Anne deu uma olhada para o lado para a médica, —Helen está tendo um período incrivelmente lúcido. James, Ian, e eu não poderíamos estar mais felizes.

—Temos de levar as coisas um dia de cada vez. . . uma hora —, alertou a Dra. Epstein.

Ambas mulheres olharam para Francesca. Anne estendeu a mão e tocou-lhe o cotovelo.

—Você está muito pálida, querida. Eu acho que seria melhor se nós deixarmos essa jovem se sentar em algum lugar confortável, não é Dra. Epstein?

—Absolutamente. Vamos levá-la para o meu escritório. Eu tenho um pouco de suco de laranja lá, talvez o açúcar no seu sangue está um pouco baixo? Devo lhe enviar algo para comer?

—Não. . . não, estou bem. A mãe de Ian ainda está viva?— Francesca resmungou, seu cérebro fixado em uma única notícias.

Uma sombra passou pelo rosto de Anne.

—Sim. Hoje ela está.

—Mas a Sra. Hanson. . . ela me disse que a mãe de Ian morreu anos atrás.

Anne suspirou.

—Sim, isso é o que Eleanor acredita.— Francesca demorou alguns segundos para processar que Eleanor era o nome da Sra. Hanson. —James e eu tomamos a decisão, uma vez que Helen voltou para casa na Inglaterra que seria talvez. . . melhor? Mais fácil.— Anne meditou, sua expressão muito triste quando ela tentou encontrar as palavras certas para uma decisão feita décadas atrás, durante um momento de estresse e ansiedade. —Para aqueles que haviam conhecido e amado Helen antes dela ficar doente para se lembrar dela como era, em vez de ver como esta doença maldita tinha a devastado, tirando sua identidade. . . sua alma. Talvez fosse errado nós fazermos isso. Talvez não fosse. Ian certamente não concordou com a nossa decisão.

—Bem. . . ele tinha apenas 10 anos de idade, quando Helen voltou para a Inglaterra, não é mesmo? —Francesca perguntou.

—Quase—, respondeu Anne. —Mas nós não dissemos a Ian que sua mãe estava viva e sendo cuidada em uma instituição em East Sussex, até que ele estava com vinte anos e idade suficiente para

compreender por que tínhamos tomado a decisão, a fim de protegê-lo. Ian, como quase todos os outros achava que sua mãe tinha morrido.

O silêncio tocou nos ouvidos de Francesca.

—Ian deve ter ficado furioso quando descobriu—, disse ela antes que pudesse editar a si mesma.

—Oh, ele ficou—, Anne disse secamente, não ficando nenhum pouco surpresa pela franqueza de Francesca. —Não foi um bom momento para Ian, James e eu. Ian mal falou conosco por quase um ano, enquanto ele estava na faculdade nos Estados Unidos. Mas chegamos a um acordo, e nosso relacionamento foi consertado.— Ela acenou com a mão em um sentido vago em torno da entrada elegante. —E então, Ian construiu este instituto, e nós três trabalhamos juntos para desenvolvê-lo, encontrar um terreno comum. O Instituto foi um lugar de cura para a relação com nosso neto, bem como para Helen—, disse ela, dando a Epstein um sorriso agradecido, embora seus olhos permanecessem tristes.

Anne parecia se animar e aumentou a força sobre o cotovelo de Francesca, encorajando-a caminhar ao lado dela.

—Eu posso ver que você está chocada com esta notícia. Eu acho que seria melhor se Ian fosse o único a falar com você mais sobre o assunto, dada as. . . circunstâncias incomuns.

—Ian e Helen irão chegar a sala de visitas após a sua caminhada,— Dra. Epstein mencionou a Anne.

—Vamos lá, então—, disse Anne a Francesca, de repente, rápida e objetiva, enquanto caminhavam para um banco de elevadores. —James já está lá. Eu vou ser capaz de apresentá-la ao avô de Ian.

Atordoada demais para discutir, Francesca seguiu junto, seu cérebro aparentemente vibrando com a notícia de que Helena Noble ainda estava viva e aparentemente sendo tratados nesta unidade, o coração apertando em angústia por Ian.

Eles pegaram o elevador para um nível inferior. Quando a porta se abriu, a Dra. Epstein disse-lhes adeus, dizendo que devia voltar para seu escritório.

—Ela é uma cientista brilhante,— disse Anne a Francesca confidencialmente quando eles fizeram o seu caminho por um corredor que terminou em uma sala cheia de luz e muitas janelas. Alguns pacientes passaram por eles, lançando olhares curiosos a Francesca. —Agora que o genoma humano foi decodificado, a Dra. Epstein e seus colegas têm usado as informações para obter melhores medicamentos para a esquizofrenia. Ian financia todo o trabalho. Realmente tem sido inovador. Um medicamento que a Dra. Epstein desenvolveu foi recentemente aprovado pela Agência Europeia de Medicamentos, e ela recomendou que Helen fosse medicada com ele. Houve alguns altos e baixos com o tratamento até agora, mas só esta semana, houve algumas melhorias dramáticas. Ian está tão feliz. Helen muitas vezes não reconhecia Ian, seu pai e eu, sua psicose estava tão grave, mas agora. . . percebe-se diferença. Foi até permitido que ela saísse para o pátio, algo que não era possível, desde que ela chegou aqui há seis anos.

—Isso é maravilhoso—, disse Francesca, olhando em volta quando eles entraram no que a Dra. Epstein havia chamado de sala de visitas. Muitas janelas grandes com vista para uma linda área arborizada e prado. Pacientes, acompanhantes e, talvez, os membros da família estavam espalhados pelo quarto confortável, alguns jogos de tabuleiro, outros conversando e apreciando a vista. Francesca supôs

que os pacientes aqui eram alguns dos mais afortunados, cujos sintomas foram mais controlados. Eles pareciam estar bem melhores e circulavam dentro e fora da sala por sua própria vontade, sem atendentes escoltando eles.

Um homem robusto de aparência mais velha parou quando nos aproximamos dele. Sua forma alta seu ajuste lembrava Ian.

—Francesca Arno, gostaria que você conhecesse meu marido, James,— disse Anne.

—É um prazer conhecê-la—, disse James, pegando sua mão. —Ian mencionou o seu nome para nós ontem, algo que reparamos, devido a raridade ele falar de uma mulher, para a decepção de Anne e minha—, disse James, um brilho em seus olhos castanhos. —Nós estávamos com a Dra. Epstein, quando ela recebeu o telefonema que você estava aqui. Não sabia que você estaria vindo para a Inglaterra.

—Isso é porque vim no impulso do momento.

—Ian não sabe que você está aqui?— James perguntou, olhando educadamente confuso.

—Não—, disse Francesca. Talvez James notasse sua ansiedade sobre esse fato, porque ele bateu em seu ombro gentilmente, seu olhar se transferir para as janelas com vista para o prado. —Bem, ele vai saber em breve. Eu vejo que Helen e ele se aproximam. Querido Deus...

Os dedos de James apertaram momentaneamente em seu ombro. Francesca olhou para fora da janela quando ele tinha falado, seguindo o olhar de James. Ela paralisou com o que viu. Ian estava caminhando ao lado de uma mulher de aparência frágil com um vestido azul que pendia frouxamente em sua figura dolorosamente magra.

Conforme James estava falando, a mulher virou-se abruptamente, seu punho batendo no abdômen de Ian. Ela tropeçou e começou a cair, mas Ian pegou-a contra ele. Suas tentativas de estabilizar sua mãe foram interrompidas, no entanto, por Helen lutando como se de repente temesse por sua própria vida nas mãos de Ian.

—Chame a Dra. Epstein,— disse James bruscamente para um dos atendentes que também havia notado o que estava acontecendo fora da janela. James e outros três atendentes correram para a porta que dava para o prado, a fim de auxiliar Ian.

—Oh, não. De novo não—, Anne disse em uma voz estrangulada, enquanto ela e Francesca assistiam horrorizadas. Helen agitava freneticamente enquanto Ian tentava dominá-la. Sua mão abriu e o atingiu no queixo. O coração de Francesca parecia espasmo no peito quando viu a angústia, austera destilada em seu rosto bonito quando ele recebeu o golpe. Quantas vezes Ian viu sua mãe se comportar dessa maneira? Quantas vezes a mulher amorosa desapareceu apenas para ser substituída por esta violenta, assustadora estranha? Um lamento penetrante pode agora ser ouvido pela sala da manhã, o som do medo de Helen Noble e sua loucura retornando.

—Espere—, Anne disse em uma voz grossa, agarrando o cotovelo de Francesca, parando quando ela se dirigiu para Ian, incapaz de ficar parada, enquanto ele estava em seu ponto mais vulnerável. —Eles têm ela agora.

Ela e Anne estavam lado a lado, olhando miseravelmente quando os três atendentes habilmente levantaram e contiveram a mulher psicótica lutando e começaram a levar a sua forma se contorcendo em direção ao estabelecimento. Quando passaram por Francesca e Anne na sala da manhã, movendo-se rapidamente em direção ao corredor, ela pegou seu primeiro vislumbre da face de Helen, os dentes à mostra em

uma careta, saliva escorrendo pelo queixo, seus olhos azuis enormes e vidrados, parecendo se concentrar em um pesadelo terrível que só ela podia ver.

Não, Francesca pensava. Isso não era Helen Noble. Não é verdade.

Uma enfermeira correu pelo corredor em direção aos atendentes, a Dra. Epstein atrás dela em um ritmo rápido. Os atendentes cuidadosamente colocaram a mulher gritando no chão, e a enfermeira deu-lhe uma injeção.

Anne começou a chorar silenciosamente enquanto ela assistiu-os levar a filha embora. Francesca colocou o braço em torno do ombro da mulher mais velha, sem saber o que dizer, ainda a si mesma em estado de choque.

—Ian—, exclamou quando ela olhou ao redor e viu ele e seu avô caminhando em sua direção. Ela nunca o tinha visto tão pálido. Seus músculos faciais estavam rígidos.

Seu olhar para ela era glacial.

—Como você ousa vir aqui—, disse ele quando se aproximou dela, seus lábios mal se movendo, boca e queixo estavam estirados de tão apertado. Seu coração pareceu parar no peito. Ela nunca tinha visto ele assim. . . tão angustiado, tão furioso. . . assim exposto. Ela não conseguia pensar no que dizer. Ele nunca iria perdoá-la por ter vindo aqui sem ser convidada, por vê-lo no que foi, talvez, um dos momentos mais vulneráveis de sua vida.

—Ian...

Mas ele a cortou apenas passando por ela na direção de onde tinham levado sua mãe. James deu a sua esposa um olhar triste e seguiu seu neto.

Anne pegou sua mão e levou-a a uma cadeira. Ela sentou-se ao lado dela, toda a vibração que Francesca tinha notado em sua primeira reunião parecendo ter sido drenada.

—Não culpe Ian—, disse Anne cavernosa. —Helen e ele tinha vindo a partilhar uma manhã maravilhosa e agora. . . foi tudo arrancado novamente. Ele está chateado, é claro.

—Eu posso entender o porquê—, respondeu Francesca. —Eu não deveria ter vindo. Não tinha ideia.

Anne acariciou seu antebraço distraidamente.

—É uma doença devastadora. Brutal. Tem sido difícil para todos nós, mas o mais difícil de longe foi para Ian. Desde cedo, ele não tinha escolha, mas ser o único zelador de Helen. Ele me disse depois que viveu conosco por um tempo e começou a abrir-se que ele tinha que monitorá-la constantemente, por medo de que sua loucura estaria exposta a pessoas da cidade também em flagrante de uma moda, e eles a levariam para o hospital e iriam mandá-lo para um orfanato. Ele vivia com medo, diariamente de prejudicar-se ou de ser separado dela. Ele mal frequentou a escola como as outras crianças, porque ele precisava olhar Helen. A cidade onde Helen foi parar, até hoje, não sei como ou por que ela foi parar lá, era muito remota e um pouco antiquada. Tenho poucas dúvidas de que algum tipo de agência de proteção a criança teria sido contatado sobre a frequência escolar de Ian se ele tivesse sido mais localizado. Assim sendo, ele conseguiu manter a doença de Helen em segredo, ficou sabendo onde Helen mantinha a reserva de dinheiro e o administrou frugalmente, fazendo pequenos serviços em torno da vila,

dando recados, e uma vez que se soube que ele tinha um gênio para o conserto de coisas eletrônicas, reparando pequenos aparelhos. Ele fazia todas as compras e limpeza, cozinhava para eles, tornando a sua casinha tão limpa como ele era capaz e prendendo-a com várias medidas de segurança, dado o comportamento estranho de Helen e violência ocasional durante os episódios psicóticos. . . como o que você acabou de testemunhar,— Anne refletiu cansada. Ela deu um suspiro pesado. —Tudo isso, e quando finalmente encontramos Helen e ele, Ian ainda não tinha passado de seu décimo aniversário.

Francesca estremeceu de emoção silenciosa. Não admira que ele era tão controlador. Oh Deus, que menino pobre. Como ele deve ter sido. Como brutal para ele era experimentar momentos de amor e conexão durante períodos lúcidos de sua mãe, só para tê-los desaparecendo dele quando a psicose a atingia. . . tal como tinha hoje. De repente, ela lembrou a expressão que ele usava de vez em quando, que rasgou-a tão profundamente e a deixou tão perplexa, o olhar de alguém que não só tinha sido abandonado e perdido, mas que sabia com certeza que ele acabaria por ser rejeitado novamente.

—Eu sinto muito, Anne,— disse Francesca, sentindo a inadequação gasta de suas palavras.

—Dra. Epstein nos alertou para não sermos excessivamente otimistas. Mas é tão difícil não esperar, e Helen estava fazendo progresso. Nós a vimos, sempre tão brevemente, conversamos com ela, a nossa Helen. Querida, doce Helen.— Ela suspirou profundamente. —Bem. Existem outros tratamentos que ainda estão em obras. Talvez. . . algum dia. . .

Francesca não podia deixar de sentir, no entanto, dada a qualidade estéril do tom de Anne e da cor leve acinzentado de sua pele, que ela estava muito perto de perder a esperança de voltar a ver sua

filha feliz e bem. Ela se perguntou quantas vezes os Nobles tinham visto alguma melhora em Helen, só para ter as suas esperanças frustradas uma e outra vez quando a loucura elevava sua cabeça.

Francesca se levantou trêmula vários minutos mais tarde, quando Ian reentrou na sala da manhã.

—Ela está dormindo—, disse Ian a sua avó, seu olhar ameaçador evitando Francesca. —Julia ministrou a medicação. Minha mãe vai voltar ao regime que ela tomava antes. Pelo menos ele a mantinha estável.

—Se estável significa sedar, acho que você está certo,— disse Anne.

A boca de Ian torceu um pouco com isso.

—Nós não temos outra escolha. Pelo menos ela não estava prejudicando a si mesma.— Ele olhou para Francesca. Ela encolheu-se interiormente quando viu o gelo brilhando em seus olhos. —Estamos saindo—, disse ele. —Eu chamei o meu piloto, e ele está deixando o avião pronto para a partida para Chicago.

—Tudo bem—, disse Francesca. Ela seria capaz de tentar explicar por que veio, uma vez que estavam a bordo do avião. Ela pediria desculpas por partilhar onde não era desejada. Talvez ela pudesse fazê-lo entender. . .

. . . embora cada vez que pensava em quão vulnerável ele tinha ficado. . . tão indefeso, ela tremeu, pensando que ele nunca poderia perdoá-la.

***

Ele quase não falou com ela no caminho de carro para o aeroporto, apenas olhava para a frente enquanto dirigia, os nós dos dedos brancos enquanto segurava o volante de couro. Quando ela tentou quebrar o silêncio com um pedido de desculpas, ele a interrompeu bruscamente.

—Como você sabia onde eu estava?

—Eu vi você algumas vezes com a Dra. Epstein. . . uma vez em Paris e outra na cobertura. Eu a ouvi falar do "Instituto", e a Sra. Hanson me disse que ela era uma médica.

Ele lançou um olhar em sua direção.

—Isso não é uma explicação, Francesca.

Ela se encolheu no banco do passageiro.

—Eu. . . Notei que você visitou o site do Instituto de Tratamento e Pesquisa Genômica várias vezes enquanto eu estava com seu tablet emprestado para estudar para o teste de motorista.— Culpa a fez murchar ainda mais quando percebeu o olhar indignado.

—Você verificou meu histórico?

—Sim—, ela admitiu miseravelmente. —Eu sinto muito. Eu estava curiosa. . . especialmente sobre para onde tinha fugido tão abruptamente. Então Jacob me disse que nunca o levou a Londres, e eu comecei a ligar os pontos.

—Bem, eu nunca poderia acusá-la de ser estúpida—, ele falou ríspido, apertando as mãos no volante. —Você deve estar muito orgulhosa de suas habilidades de detetive.

—Eu não estou. Eu estou miserável. Sinto muito, Ian.

Ele não disse nada, mas sua boca estava tensa e sua pele parecia especialmente pálida ao lado do contraste de seu cabelo escuro. Seu silêncio efetivamente impediu mais comunicações até que eles embarcaram no avião.

A voz do piloto veio através do interfone, dizendo que tinha autorização para decolar.

—Sente-se e coloque o cinto de segurança para a decolagem—, disse ele secamente, apontando para a espreguiçadeira, onde ela normalmente ficava —Mas uma vez que estivermos no ar, quero você no quarto.

Sua boca se abriu para isso. Algo em seu tom de voz disse a ela exatamente por que ele a queria no quarto. Ela dobrou o cinto de segurança com os dedos trêmulos.

—Ian, isso não vai fazer você se sentir melhor, tentar me controlar porque você se sente assim. . .

Ela parou quando viu seus olhos brilharem em fúria mal controlada.

—Você está errada. Vai me fazer sentir fantástico deixar o seu rabo vermelho e montar você duro. Você tomou a pílula o tempo suficiente. Eu vou te foder primeiramente tão profundo, eu vou estar satisfeito de você por alguns dias.

Ela se encolheu, e não por causa da crueldade de suas palavras, em circunstâncias diferentes, ele teria despertado sua ira, mas não

agora. Ele disse o que disse intencionalmente para machucá-la por ter a ousadia de vê-lo em seu estado mais fraco.

—Você queria conhecer meu mundo particular, tudo bem. Apenas lembre-se que pode não gostar do que vê—, disse ele calmamente.

—Nada do que eu vi hoje me fez pensar menos de você—, ela declarou com veemência. —Se qualquer coisa, ele me fez te entender cerca de cem vezes melhor. . . isso me fez te amar mil vezes mais.

Sua expressão achatou. Os pequenos vestígios remanescentes de cor desapareceram de seu rosto. Seu coração pulsava em seus ouvidos no silêncio tenso que se seguiu. Por que ele não falava? Ela mal percebeu quando o avião saiu do chão. Ela não podia acreditar que tinha acabado de deixar escapar a verdade que estava tentando esconder dele.

O silêncio se estendeu por toda a eternidade, aparentemente agravada pela pressão em seus ouvidos à medida que ganhou altitude.

—Você é uma criança—, ele finalmente disse, lacônico. —Eu disse desde o início que era puramente uma relação sexual.

—Sim, mas eu pensei. . . ao longo das últimas semanas, parecia que as coisas haviam mudado—, disse ela com voz fraca. Seu coração despencou quando ele balançou a cabeça lentamente, seu olhar nunca deixando seu rosto. Ele soltou o cinto de segurança.

—Eu quero ter você, Francesca. Dominá-la. Veja que em sua teimosia você envia prazer. . . para mim. Isso é o que eu lhe ofereço. Você insistiu em interferir no meu mundo, então agora você pode parar de se iludir com fantasias de uma menina. Isso é tudo que posso

oferecer—, disse ele, apontando na direção do quarto. —Agora vá lá, tire todas as suas roupas, e espere por mim.

Por alguns segundos, ela apenas olhou para ele, que ainda se recuperava do ferimento que suas palavras haviam causado. Ela estava prestes a recusar quando ela pensou na dor, forte concentrada em seu rosto quando sua mãe começou a atacá-lo aleatoriamente. Seus ferimentos eram muito mais profundo do que o dela. Talvez fosse ajudá-lo, se sentir no controle, depois de experimentar o desamparo de tanta dor? Será que as pessoas não agiam fora de sua angústia o tempo todo durante o sexo, usando o ato físico intenso para fundamentar-se no meio da emoção caótica?

Sim. Ela poderia estar lá para Ian dessa forma. Ela entendeu que sua raiva resultou da sua dor por ter sido tão exposto. . . tão vulnerável.

Ela soltou o cinto de segurança lentamente.

—Tudo bem. Mas eu só estou fazendo isso porque eu realmente me apaixonei por você. E eu não sou uma menina ingênua. Acho que você me ama de volta e só é muito orgulhoso e teimoso e está machucado sobre o que aconteceu com sua mãe hoje, para reconhecer isso.

Um espasmo de dor cintilou em suas feições robustas sempre tão fugaz, e foi embora. Ele não disse nada quando ela se levantou e foi para o quarto.

Capítulo Dezesseis

Ian entrou no quarto dez minutos depois. Seu corpo imediatamente apertou com luxúria quando a viu sentada nua no canto da cama. Ela empilhou os cabelos em sua cabeça e colocou a glória rica de alguma forma. Seus mamilos cor de rosa de dar água na boca estavam eretos, e não, ele suspeitava, de excitação mas de frio. Ele sabia que não havia roupa no banheiro. Ele estava errado sobre fazê-la esperar enquanto estava exposta. No entanto, algo sobre o seu corpo, pálido nu lhe pareceu potencialmente vulnerável e quase dolorosamente excitante.

—Levante-se—, ele disse rapidamente, recusando-se a suavizar com a visão de seu corpo requintado. Será que ele já conheceu uma mulher mais bonita?

Será que ele nunca seria afetado por outra fêmea do mesmo jeito como tinha sido por Francesca? Um explosão vulcânica de emoção ferveu nele quando ela deixou escapar essas palavras incendiárias.

"Isso me fez te amar cerca de mil vezes mais"

Tinha sido demais para ele. Ele já tinha sido morto pela notícia que James havia dado a ele logo após os atendentes terem levado sua mãe delirante, que Francesca estava na sala da manhã. . .

. . . Francesca que havia testemunhado tudo o que tinha acontecido.

Ele experimentou uma necessidade insustentável de castigá-la por ver não só a sua mãe quando ela estava tão vulnerável, mas a si mesmo. Ele passou boa parte de sua vida guardando Helen dos curiosos, dos olhares horrorizados. De alguma forma, sabendo que Francesca tinha testemunhado toda a extensão da loucura de sua mãe

sentiu exponencialmente mais doloroso do que a observância de um estranho para ele.

Ele foi até a mesa e abriu um armário. O choque de excitação foi embora quando viu seus olhos se arregalarem quando ela olhou para o que ele carregava um momento depois.

—Sim. Eu mantenho apenas alguns itens aqui no avião, e não os que você está acostumada. Vamos começar com o seu castigo e depois farei você se contorcer de outras formas.

Suas bochechas ficaram rosas com isso, mas ele não poderia dizer se sua reação era de excitação ou raiva em suas palavras. Mas ele queria vê-la se contorcer, ele pensou enquanto ele pegou a gorda carne negra elástica. Ele queria ver Francesca se contorcendo em arrependimento e desejo não diluído, ele queria que ela implorasse por aqueles lábios rosados que assombravam seus sonhos. . .

. . . ele queria ouvi-la dizer que o amava novamente.

O pensamento foi banido quase tão rapidamente como tinha vindo. Manobrou uma caixa acolchoada que estava na extremidade da cama na direção do centro da sala.

—Passe para isso,— ele disse a ela alguns segundos depois, aproximando-se dela, segurando a alça de contenção elástica. De pé tão perto, ele poderia sentir o cheiro limpo da fragrância frutal de seu xampu. —Segure-se em meus ombros para manter a estabilidade.

—O que é isso?— Ele tentou ignorar quão suave, mas firme o aperto dela sentido através de sua camisa.

—É uma faixa que vai ligar as suas pernas enquanto eu a puno e restrinjo você. Ele pode ser um pouco desconfortável, mas vai me dar muito prazer.

—Eu não vejo como—, disse ela, o rosto fazendo caretas enquanto ele estendia uma faixa circular de elástico preta com cinco polegadas de largura, puxando-o até que ele descansou um pouco abaixo de suas nádegas, ligando as coxas apertadas e sua bunda, deixando seu rabo firme para sua mão e pá. Ele estendeu a mão e moldou uma nádega na palma da mão. Seu pênis empurrou.

—Agora você vê?— Ele perguntou a ela incisivamente, relutantemente soltou sua bunda arredondada. O elástico era equivalente a um sutiã para os seios, totalmente mostrando a bunda dela, ao mesmo tempo que a prendia.

—Ian—, ela exclamou surpresa quando de repente ele a ergueu no ar, levando-a para o banco acolchoado.

—Eu tenho que carregá-la, com as pernas juntas—, disse ele, baixando os joelhos na almofada. —Fique de joelhos por um momento. Não se mova.— Quando ele voltou, levava um par de algemas. Ao contrário das de couro macio que ele normalmente utilizava com ela, dada a sua pele sensível, estas eram de metal. —Coloque os pulsos na parte inferior das costas—, disse ele. Ele franziu a testa depois de ter suas mãos prendidas em suas costas. —Eu não quero você lutando contra essas algemas, Francesca. Você pode machucar a si mesma.

—Oh. . . Tudo bem —, ele a ouviu dizer. Ele encontrou seu olhar, olhando para os orbes escuros, aveludados. Uma onda selvagem passou por ele, a luxúria, a necessidade bruta, a raiva, quando ele reconheceu o que brilhava em seus olhos.

—Por que você me olha com tanta confiança?— Ele disparou.

—Porque confio em você.

—Você é uma tola.— Ele tocou seu cotovelo, guiando-a. —Fique de joelhos. Curve-se. Exponha sua bunda. Descanse os seus seios contra seus joelhos. Pressione sua testa na almofada e os mantenha lá em toda a sua punição. Não olhe para mim, ou eu vou te punir mais duramente— Ela realmente era uma ninfa. Seus olhos possuíam algum tipo de magia sobre ele. Se ele olhasse para eles o suficiente, logo começaria a acreditar no que viu lá, brilhando como um farol, firme e inabalável.

Ele correu e pegou a palmatória. Ele sabia por que os olhos dela tinham se arregalado ao visualizá-lo um momento atrás. Ele era feito de madeira envernizada, longo e estreito de apenas três centímetros de largura. Era uma ferramenta mais grave para castigo corporal do que a palmatória de couro preto que preferia para sua pele delicada.

Mas ele estava determinado a fazê-la pagar por sua decisão impulsiva de segui-lo para Londres. Ele estava determinado a fazê-la pagar por acender esta tempestade de sentimentos dentro de si.

Ele mal conteve um gemido quando ele se aproximou e tomou a visão dela. A liga elástica exibia seu rabo bem torneado para seu pau, que se sacudiu em efeito. Ele acariciou uma bochecha, depois a outra, o levantando as nádegas totalmente fora do sistema de retenção para que ele pudesse tocar e punir cada pedaço precioso da firme, pele servil.

Ela endureceu quando ele golpeou a palmatória na curva doce inferior de seu traseiro, mas ele sentiu que ela conteve seu choro. Sua restrição agradou.

Assim como tudo sobre ela fazia. . .

. . . tudo, sua impulsividade, toda sua loucura e inocência em acreditar que ela me ama.

Tudo sobre ela. . . especialmente a impulsividade dela, e uma sabedoria inocente que deve ser valorizado, e não desprezado.

Ele a bateu três vezes em rápida sucessão, expulsando os pensamentos confusos de seu cérebro. Seu pênis deu uma guinada no material cada vez mais confinante de suas calças. Sim, isso é o que ele precisava. Luxuria iria guiá-lo através da fermentação desconcertante de emoção que ele experimentou.

Luxuria sempre fazia isso.

Ela não pôde reprimir o choro neste momento, e ele fez uma pausa, acalmando as nádegas acetinadas aquecidas com as pontas dos dedos.

—Eu não posso acreditar que você veio para Londres—, disse ele, a voz vibrando com raiva.

—Eu teria ido mais longe para encontrá-lo.

Ele fez uma pausa, sua expressão endurecendo quando ouviu o tremor em sua voz.

—Você está chorando?— Ele perguntou abruptamente, estudando a parte de trás de sua cabeça.

—Não.

—Você está com dor indevida?

—Não.

Ele apertou a palmatória e golpeou seu traseiro mais duas vezes.

—Esta é a primeira vez que eu estou te punindo sem o estimulante do clitóris. Talvez o desconforto esteja superando o prazer—, disse ele, balançando a parte de trás da palmatória, usando-a, rosnando com a visão erótica do golpe reverberando através de sua firme, carne gorda. Ele agarrou seu pênis dolorido através de suas calças, estremecendo.

—Não, não é isso—, ele a ouviu dizer em voz abafada. Ela saltou ligeiramente em sua posição de joelhos quando ele a golpeou novamente.

Curioso para saber o que ela quis dizer, ele passou os dedos na fenda apertada de suas coxas logo acima da restrição de ligação. Umidade quente revestiu o dedo indicador. Sem fazer uma observação, ele retirou a mão e golpeou a bunda dela várias vezes.

Ele nunca realmente iria controlá-la, porque ela o matou cada vez que tentava.

Sua bunda estava vermelha e quente ao toque pelo tempo que ele tinha terminado com ela. Ela arfava baixinho, e suas bochechas coradas rosa quando ele levantou-a do peito e colocou em seus pés. Ele ajoelhou-se diante dela, tirando a pasta elástica negra fora de suas coxas e depois para baixo sobre seus pés.

Ele abriu as algemas. Ela fez um som de surpresa quando ele tirou a liga elástica em volta de seu pescoço e começou a trabalhar na cinta larga abaixo sobre os seios. Não foi fácil, mas pelo tempo que ele

tinha terminado, seus belos seios arredondados foram liberados e pularam, e observou como seu rabo tinha ficado logo acima da liga. Ele grunhiu em aprovação e algemou seus pulsos novamente em suas costas.

—O que você vai fazer?—, Ela lhe perguntou incerta quando ele pegou um chicote de couro preto. Era flexível, significava que era mais para animar e picar a carne do que açoitar e causar dor. Ele entendeu a centelha de medo em seu tom. Ele nunca tinha usado um chicote sobre ela antes.

—Sua punição ainda não está terminada. Este é um chicote.— Ele ergueu para que ela examinasse os comprimento das finas, correias flexíveis ligados a uma alça de couro. —Não é tão temível. . . parece mais ameaçador do que é. É seguro o suficiente, na minha mão. Vai causar um ardor agradável e despertar os seus nervos.

Seus olhos ficaram enormes quando ele levantou, mas ela não protestou quando ele trouxe as tiras de couro para baixo do lado de um seio pálido.

—Há. É muito?— Perguntou ele rispidamente, fazendo uma pausa para acariciar e apertar o globo firme. Quando ela não respondeu, ele olhou para seu rosto. Sua expressão era um pouco desamparada, mas seus olhos brilhavam de excitação. Ela balançou a cabeça, aparentemente sem palavras.

Ele escondeu o sorriso triste e derrubou o chicote em seu outro seio, em seguida, de volta para o outro, observando em fascinação como os globos pálidos aprofundaram-se em cor para um rosa pálido e os mamilos cresceram apertados e duros, fazendo dar água na boca.

—Será que eles ardem—, perguntou-lhe um momento mais tarde, depois que ele pousou o chicote e massageava seus seios com as mãos.

—Sim—, ela sussurrou.

—Ótimo. Você merece isso—, ele murmurou. Ele beliscou suavemente em ambos os mamilos e ela estremeceu de prazer. —Se eu não fosse tão cuidadoso com você, estaria dando-lhe muito pior agora pelo que você se atreveu a fazer.

—Por se apaixonar por você?

Ele fez uma pausa em seu lascivo aperto dos seus seios e encontrou seu olhar. Ela estava ofegando mais pesado, fazendo com que sua carne subisse e descesse sutilmente em suas palmas.

—Não. Por meter o nariz em meus negócios e curiosidade sobre minha vida.

Por ver minha mãe em seu momento mais vulnerável. . . por ver a minha dor.

—Eu disse que estava arrependida, Ian—, disse ela através dos corados lábios rosados.

—Eu não acho que você está—, disse ele, de repente, furioso novamente. Ele inclinou-se e agarrou a exuberante boca em um beijo assolador. Tudo o que podia pensar era enterrar seu pênis em sua vagina apertada, molhada e perdendo-se ao esquecimento de puro prazer. Sua respiração estava quente e doce quando ela ofegou contra seus lábios um momento depois.

—Você não vai mudar minha mente—, ela sussurrou.

Ele fechou os olhos como que para impedir a onda de sensação que passou por ele. Seu desespero crescendo.

—Vamos ver—, disse ele, virando-a para que pudesse abrir seus punhos, seu olhar persistente na bunda dela ainda vermelha. Ele golpeou-a mais duro do que ele já tinha feito antes, ele percebeu com uma pontada de arrependimento, mas ela não se queixou, mesmo quando ele tinha dado a ela a chance. E a umidade abundante que sentiu entre as coxas dela lhe tinha dito em alto e bom som que sua excitação era maior do que o seu desconforto.

—Vire-se e curve-se no final da cama. Coloque as mãos sobre o estribo para se preparar.

Ela seguiu suas instruções, sem hesitação, inclinando-se sobre a cama, inclinou-se em pé. Ela não olhou ao redor quando ele se aproximou dela por trás, embora ele sentiu sua curiosidade focada e ansiedade.

Doce, Francesca confiante.

—Não tenha medo—, ele murmurou. —Desta vez vou ver você se submeter ao prazer, e não dor.

Ele ligou o vibrador coelho [2]em um nível baixo, puxando para trás suas nádegas, expondo a entrada de sua vagina. Seu pênis saltou, pulsando furiosamente quando ele viu como escorregadio a pequena fenda estava, como brilhava os seus lábios vaginais e períneo estavam de tanta excitação.

---

[2] Rabbit vibrator – É um vibrador rotativo que vêm com uma espécie de "braço"/massageador, para massageia o clitóris. Para maiores detalhes colocar o nome em inglês no Google.

Ele empurrou o vibrador todo em sua vagina. Ela suspirou, e depois saltou quando ele ligou as orelhas de coelho que se mexia energicamente sobre seu clitóris.

—Oh!

—Bom?—, ele perguntou quando tirou o vibrador de sua fenda e empurrou-o para dentro e sua vagina se agarrou ao redor do silicone como uma boca de sucção. Deus, ele não podia esperar para chegar nela. . .

. . . mas ele esperaria. Ele veria Francesca se submeter primeiro. . . suplicar-lhe. Por que ele precisava disso assim como ele precisava de ar permaneceu como um enigma para ele, mas ele não poderia amortecer o desejo potente.

Ele manipulou-a com o vibrador, acariciando sua buceta, deixando as orelhas de coelho fazerem seu trabalho em seu clitóris, ouvindo o tempo todo ao som de seus suspiros e gemidos e gritos. . . ofegando. Quando sua respiração tornou-se irregular, ele desligou os vibradores clitorianos e apenas deu prazer aos lábios de sua vagina com o brinquedo sexual.

—Oh, por favor—, ela gemeu depois de um momento. Ele sabia que ela estava perto de gozar, e que, enquanto o vibrador na sua buceta era agradável, ela queria as orelhas de coelho em seu clitóris.

—Seu clitóris é muito sensível. Você vai fazer as coisas acabarem muito rapidamente.

—Por favor, Ian,— ela repetiu, parecendo estúpida quando firmou seu domínio sobre o estribo e começou a bombear seus quadris, montando o vibrador.

Ele bateu duro em seu bumbum o suficiente para arder. Ela fez uma pausa no frenético bombear de seus quadris.

—Quem é que manda aqui?—, Ele perguntou.

—Você—, ela sussurrou depois de uma longa pausa.

—Então, mantenha a sua bunda parada,— ele ordenou, antes de deslizar o vibrador dentro e fora dela novamente, deixando as pérolas rotativas e eixo com nervuras fazerem seu trabalho. O gemido dela um momento depois, soou duro e desesperado. Ele cedeu e colocou o motor em uma vibração mais elevada.

—Ohhhh—, ela choramingou. —Oh, Ian. . . me deixe mover.

—Fique quieta,— ele ordenou, mergulhando a fundo o vibrador até que ele sentiu o calor e a umidade contra o cume do seu dedo indicador, que segurava a alça. A sua visão estreitada para a imagem intensamente erótica da seta de silicone deslizando para dentro e para fora da sua fenda apertada. Seu gemido o despertou, choramingo frustrado encheu seus ouvidos. Ele a atormentava, mantendo-a na borda, saboreando em seu poder.

—Por favor. . . deixe-me ir —, ela implorou, seu apelo estourando fora de sua garganta. Ele fez uma pausa em seu movimento de empurrar quando ouviu a tensão na voz quebrada dela. Ele ansiava por lhe negar. Ele desejava dar a ela tudo o que ela sempre pediu. . . e muito mais.

O conflito em guerra dentro dele foi demais. Ele tirou o vibrador e jogou sobre a cama.

—Aguente—, disse ele a excitação o fazendo soar mais áspero do que pretendia. A cor em suas bochechas tinham se aprofundado quando ele girou em sua direção. Um brilho de suor brilhava em sua testa e o lábio superior. Ela estava mais do que bela. Ele enterrou o cume de seu dedo indicador na fenda encharcada entre seus lábios. Ela engasgou, mas ele manteve a mão imóvel.

—Se você quer gozar, mostre-me,— ele exigiu.

Ela olhou para ele, com os olhos vidrados de intensa excitação, mas ele viu a confusão.

—Você pode vir contra a minha mão, mas você tem que me mostrar o que quer. Eu não estou me movendo.

Ela mordeu no lábio inferior tremendo, e ele quase desistiu, quase.

—Vá em frente—, alertou.

Ela fechou os olhos, como que para se proteger de seu olhar, e começou a empurrar os quadris contra seu dedo. Um gemido caiu de seus lábios. Ele observou, encantado, mantendo a mão, dedo, e braço firme, mas não a acariciando, fazendo-a trabalhar para ele.

—É isso mesmo. Mostre-me que você não tem vergonha. Mostre-me que você pode se submeter ao desejo—, respondeu asperamente. Ela balançou os quadris de forma mais rigorosa, pulando para cima e para baixo contra sua mão. . . tão desesperada por seu prazer. Quando um grito pequeno, frustrado surgiu de sua garganta, ele quase cedeu.

Quase.

—Abra seus olhos, Francesca. Olhe para mim,— ele exigiu, sua voz rompendo sua busca selvagem por alívio.

Ela abriu as pálpebras lentamente enquanto continuava a montar sua mão parada. Ele viu seu desespero, seu total desamparo, o medo de que sua necessidade fosse maior até mesmo do que o orgulho dela.

—Não tenha medo—, ele murmurou. —Você é mais bonita para mim agora do que nunca. Agora goze contra a minha mão.

Ele flexionou os bíceps, aplicando pressão, dando-lhe o alívio que ela tanto precisava e merecia. Ele fechou os olhos por um instante com a sensação deliciosa de seus sucos quentes untando seus dedos enquanto ela gozava.

Um momento depois, ele a girou para deixá-la de quatro e conseguiu pronunciar duas palavras de seu cérebro atordoado de luxúria, dizendo-lhe para se curvar e sentar-se contra o estribo novamente. Quando ele finalmente levou seu pau em seu calor líquido, seus olhos se arregalaram de prazer. Foi como entrar em uma mulher na sua primeira vez, não, incomparavelmente melhor, uma arena totalmente nova de vida, uma experiência nova assustadora e poderosa.

Perdeu-se nela, tudo parecendo preto por um período de tempo enquanto o prazer e necessidade o inundava, perdendo sua consciência. Ele se jogou contra ela como um homem selvagem, seus pulmões queimando, pênis dolorido, músculos apertados. . . a alma rasgando.

—Francesca—, ele falou duro, parecendo irritado, mesmo que ele não estivesse mais. Ele abriu as mãos em torno de sua caixa torácica delicada e puxou-a para que ela se pusesse diante dele, sua parte superior do corpo ligeiramente inclinado para frente. Ele continuou a

fodê-la, sentindo seu coração batendo rapidamente em suas mãos, os tremores em sua carne quando ela chegou ao clímax, as paredes musculares de sua buceta apertando e convulsionando em torno de seu saqueador pênis.

Sem pensar, ele empurrou a parte superior do corpo para baixo novamente, suas mãos caindo em seus quadris, fodendo-a com golpes curtos, duros, os dentes arreganhados num rito de prazer cegante. E empurrou-a contra ele, seus músculos apertando tão firmes que ele levantou os pés do chão.

Orgasmo o rasgou com o poder de um relâmpago. Ele gemeu em êxtase agonizante quando começou a vir nos confins de Francesca. Uma aguda, necessidade primitiva o dominou, mesmo no meio de sua crise a necessidade de marcá-la, de maneira absoluta possuí-la. . . fazê-la sua.

Ele sacudiu fumegante, seu pênis brilhando para fora do céu de sua buceta bombeado, ejaculando na bunda dela e nas costas, até a sua essência grudar em sua pele.

Ele ficou lá por um minuto depois que a tempestade ciclônica tinha passado, seu pau preso firme em sua mão, buscando ar, e olhando para a imagem poderosa de seu corpo nu com pingos de seu sêmen. Ele pensou em como ele impiedosamente a castigou, de como ele a obrigou a engolir seu orgulho e fazendo-a gozar na sua mão, de como ele a fodeu como um louco.

Pesar reluzia em sua consciência. Em seguida, ele rugiu.

Ele a ajudou a ficar de pé, então foi para o banheiro para recuperar uma toalha. Ele gentilmente a enxugou, então desabotoou a camisa e jogou-a sobre a sua nudez. Ele estava errado em expô-la tanto.

Ele se encontrou com seu olhar solene com supremo esforço, ele abotoou a camisa, cobrindo a pele macia que ele queria poder permanecer mais um pouco . . . para acariciar. Ele abriu a boca para falar, mas o que poderia dizer? Suas ações tinham sido duras e egoístas e provavelmente, imperdoáveis.

Ele tinha intenção de provar sua loucura por acreditar que ela tinha se apaixonado, mas agora que ele provavelmente conseguiu, não sentiu nada além de um arrependimento profundo nos ossos.

Incapaz de suportar o olhar de seus olhos escuros por mais um momento, ele se virou e saiu do quarto.

***

Dez dias depois, Davie estava em seu armário vestindo um smoking e mexendo nos cabides ao longo do rack enquanto Francesca olhava distraidamente de onde estava sentada na beira da cama.

—O que acha deste?— Davie perguntou, saindo do armário segurando um vestido.

Ela piscou quando viu que ele segurava o vestido boho que ela tão estupidamente gastou para o jantar comemorativo no Fusion vários meses atrás, na noite em que conheceu Ian. Parecia impossível que a sua vida tinha mudado tão drasticamente em um curto espaço de tempo. Parecia improvável que ela tinha se apaixonado tão profundamente, e depois o perdeu, que competência Francesca. Mas então, quando ela considerou tudo, apenas se sentia deprimida.

Davie notou sua apreciação menos do que o entusiasmo do vestido. Ele ergueu-a e examinou.

—O quê? É bonito.

—Eu não vou, Davie,— ela disse, sua voz soando rouca de não ser usada.

—Sim, você vai—, disse Davie, dando-lhe um olhar incomum feroz. —Você não vai se enfiar nos buracos de seu quarto nas suas férias de Ação de Graças inteira.

—Por que não? É minhas férias—, disse ela estupidamente, pegando um travesseiro decorativo e coçando a borla. —Eu não preciso ser socorrida nem nada. Não tenho o direito de vagar no meu quarto, se eu quiser?

—Então. . . a verdade finalmente sai. Francesca Arno é o mesmo tipo de garota que ela desprezava, que chorava e se recusava a comer depois de romper com um cara.

—Ian e eu não rompemos. Apenas não nos falamos em uma semana e meia.— E nós provavelmente nunca iremos nos falar de novo. Ela pensou na maneira em que ele olhou-a antes que tinha deixado sua posição no quarto-suite, seu pesar, sua perplexidade. . . sua desesperança. Ela acreditava que ele tinha algo a oferecer-lhe além do sexo, mas não o fez. E não foi um empreendimento de duas vias? O que importava se ela tivesse toda a fé do mundo, mas ele duvidou? — Além disso—, continuou ela, — rompermos implica que estávamos juntos, para começar, e nós não estávamos. Não no sentido tradicional da palavra.

—Você já tentou entrar em contato com ele?— Davie disse, levando o vestido para o seu banheiro.

—Não. Eu ainda posso sentir a sua fúria. É como se ele estivesse emanando em todo o caminho do rio Chicago para a nossa casa.

—Não é raiva—, ela pensou que ouviu o murmurar do amigo baixinho.

—O que?—, Ela perguntou, intrigada.

—É a sua imaginação, Ces. Por que você não liga para ele?

—Não. Isso não importa.

Davie suspirou.

—Vocês dois são tão teimosos. Você não pode envolver-se em um impasse para sempre.

—Eu não estou em um impasse.

—Oh, eu vejo. Você desistiu completamente, então.

Pela primeira vez em dias, a raiva reluzia na sua desesperança nas palavras de Davie. Ela lançou-lhe um olhar irritado e ele sorriu, estendendo a mão.

—Vamos lá. Justin e Caden estão esperando. Além disso, temos uma surpresa para você.

Ela exalou de frustração, mas se levantou.

—Eu não quero ser animada. E mesmo que quisesse ser, por que vocês me arrastam para um evento estúpido de solteiros que se reúnem de black-tie, não menos, qual o fim de fazê-lo? Você sabia que

eu não tinha nada de bom para vestir. Eu odeio esses eventos. Você costumava odiar também.

—Eu mudei de idéia. Isto é por uma boa causa—, disse ele ao passar por ela no caminho para o banheiro.

—O que, salvando o meu coração devastado?

—Eu me conformaria com você fora desta casa—, respondeu Davie, não afetado por seu sarcasmo.

***

O evento de solteiros black-tie era em um clube novo e moderno em North Wabash, no centro da cidade. Caden e Justin estavam em forma rara no carro no caminho, a alegria de uma noite de sexta e impiedosamente bonitos em seus smokings recém adquiridos. Francesca, por outro lado, já estava pronta para sair, e eles ainda não tinha chegado lá ainda. Horríveis, lembranças maravilhosas vieram como uma enxurrada quando ela colocou o vestido boho e lembrou em detalhes vívidos a última vez que tinha usado ele.

A mulher veste as roupas, Francesca. Não o contrário. Essa é a primeira lição que vou te ensinar.

Ela estremeceu com a lembrança da voz áspera e silenciosa de Ian. Como ela sentia falta dele. Era como uma ferida aberta em seu interior, um lugar que não poderia alcançar, a fim de acalmar.

Davie estava tendo dificuldade em encontrar estacionamento perto de seu destino, e eles foram circulando em torno por um tempo. Ela olhou para fora da janela do carro, eles atravessaram o Rio Chicago

e viu o prédio das Empresas Noble elevando-se a poucos quarteirões de distância.

Ela era realmente a mesma jovem mulher ingênua que tinha frequentado a festa de comemoração lá, ela que tinha sido tão frágil, tão incerta... tão desafiador para que ninguém fosse notar? E foi realmente ela quem primeiro entrou na cobertura de Ian, seu encantamento associado mais com o enigmático homem que estava ao lado dela do que a visão de seu apartamento magnífico e exposição de arte. . . a vista deslumbrante.

"—Eles estão vivos, os edifícios. . . alguns mais do que outros. Quero dizer, parece. Eu sempre pensei assim. Cada um deles tem uma alma. À noite, especialmente. . . Eu posso sentir isso.

—Eu sei que você pode. É por isso que escolhi a sua pintura.

—Não por causa das linhas perfeitamente retas e reproduções precisas?

—Não. Não por causa disso."

Seus olhos queimaram na memória potente. Ele a tinha visto tão bem, mesmo assim, viu coisas que ela não tinha visto. Ele tinha querido aquelas coisas, cultivado seus pontos fortes até. . .

. . . Não. A resposta era não. Ela não era mais a mesma mulher jovem.

Davie estacionou em uma garagem paga em Wacker Drive, ao sul do rio, mais a leste do que o seu destino desejado. Francesca tremia incontrolavelmente quando o vento vindo do rio cortava em linha reta através de seu casaco de lã fina quando eles atravessaram a ponte. Davie notou e levou-a debaixo do braço. Justin entrou no espírito e

colocou seu braço ao redor dela, do outro lado, se entrincheirando em torno dela, seus corpos para ajudar a protege-la. Caden, também, teve que se juntar à galanteria, para sua diversão, enganchando os braços com Justin para ajudar a bloquea-la do vento leste brutal do lago. Eles a empacotaram tão perto entre eles que, conforme eles a guiavam pela calçada, uma vez limpa do rio e a ponte, Francesca tropeçou.

—Vocês, eu não posso ver!

—Mas você está quente, não está?— Justin perguntou jovialmente.

—Sim, mas. . .

De repente, Justin e Caden foram empurrando-a para uma porta de vidro giratória. Seus olhos saltaram de largura, quando ela percebeu que eles a manobraram. Ela hesitou, mas Justin foi empurrando por trás dela e ela não teve escolha senão seguir em frente no lobby das Empresas Noble.

Ela olhou em volta, espantada ao encontrar-se em território de Ian tão de repente. . . tão indesejável.

Várias dezenas de olhares a enfrentou por sua chegada deselegante. Ela viu o rosto de Lin, familiar sorrindo, e Lucien e Zoe. . . e ela engasgou, Anne e James Noble sorrindo para ela a uma distância. Aquele homem elegante, com o cabelo grisalho, que ergueu a taça de champanhe para ela em uma saudação silenciosa, era Monsieur Garrond, o curador do Musée de St. Germain quem Ian tinha apresentado em Paris? Não. Não podia ser.

Seus olhos se arregalaram em descrença absoluta quando reconheceu os seus pais de pé desajeitadamente ao lado de uma

samambaia, o pai de boca fechada, mas sua mãe fazendo o seu melhor para tentar um sorriso caloroso.

—Por que todo mundo está olhando para mim—, ela sussurrou para Justin quando ele se aproximou ao lado dela. Um pânico subiu em seu peito na cena surreal diante dela. Justin a beijou calorosamente na bochecha.

—É uma surpresa. Olha, Francesca. É tudo para você. Parabéns.— Ela ficou boquiaberta para onde ele apontou, a faixa, uma vez vazia de parede que dominou o lobby. Sua pintura tinha sido emoldurada e montada. Parecia incrível. . . perfeito. . .

Justin suavemente inclinou o queixo quando ela não conseguia parar de ficar de boca aberta no centro, pedindo a ela para ver o que estava na sala. O lobby inteiro tinha sido preenchido com seus quadros, cada um exibido em cavaletes, todos profissionalmente emoldurados e montados. As pessoas estavam passeando em traje black-tie, bebericando champanhe, e, aparentemente, admirando seu trabalho. Um pequeno quarteto de cordas tocava Brandenburgo de Bach Concerto No. 2.

Ela olhou de Justin para Davie, morta. Davie deu-lhe um sorriso tranquilizador.

—Ian planejou—, disse ele calmamente. —Alguns dos colecionadores mais ricos, especialistas renomados e críticos de arte, curadores de museus e galeristas de todo o mundo estão aqui esta noite. Esta festa é em sua homenagem, Francesca. . . uma oportunidade para que o mundo veja o quão talentosa você realmente é.

Ela encolheu-se interiormente. *Oh, meu Deus*. Todas aquelas pessoas estavam olhando seu trabalho? Mas ninguém parecia estar

rindo maliciosamente ou incrédulo, pelo menos, ela pensou quando verificou várias faces ansiosamente.

—Eu não entendo. Será que Ian planejou isso antes de Londres—, ela perguntou.

—Não. Ele contatou-me um ou dois dias após o seu retorno de Londres e me pediu para ajudá-lo a organizar as coisas. Eu mandei todas as pinturas para montar e emoldurar. Nós ainda conseguimos adquirir mais quatro de suas pinturas para adicionar à coleção. Ian não podia esperar para mostrar a você.

Descobrir isso a atingiu, e ela olhou para a multidão.

Ian estava ao lado de seus avós, olhando sombrio, real, e devastadoramente lindo em um smoking preto clássico com gravata borboleta. Seu olhar estava aceso, uma vez que a prendeu. . . Cheio de sentimento. Apenas Francesca, que tinha crescido a conhecê-lo tão bem, viu a sombra de ansiedade assombrando que o fazia parecer frio e impassível para outros olhos.

Ela pensou que tinha tido um ataque cardíaco. Ela apertou seu peito.

—Por que ele fez isso?— Ela perguntou a Davie sob sua respiração.

—Eu acho que é uma maneira de dizer que está arrependido. Alguns homens enviam flores, Ian...

—Envia o mundo—, Francesca sussurrou com os lábios dormentes. Ian começou a andar em direção a ela, e ela seguiu-o em sua direção, movendo-se como um sonâmbulo em direção ao homem

que não conseguia tirar os olhos, e que ela desejava mais do que qualquer coisa que já teve em sua vida.

—Olá—, disse ele calmamente quando eles se encontraram.

—Oi. Isto é uma surpresa—, Francesca conseguiu, com o coração aparentemente fora de sua caixa torácica, como uma multidão comprimindo seus pulmões. Ela percebeu de longe que, provavelmente, dezenas de olhares estavam sobre eles, mas ela só poderia incidir sobre o calor, o cuidado com a esperança em Ian.

—Será que eu consegui sua satisfação?—, ele perguntou, e ela sabia que ele se referia a pintura.

—Sim. Está perfeito.

Seu coração deu seu salto como de costume, quando ele sorriu. Ele ergueu as mãos. Reconhecendo o gesto familiar, ela desabotoou o casaco e virou-se. Quando ele deslizou seu casaco fora de seus braços, ela girou em direção a ele, o queixo em linha reta, sim, o mesmo vestido boho. Seu olhar passou por cima fugazmente e ela viu que ele reconheceu o vestido. Seu sorriso atingiu todo o caminho até seus olhos. Ele tomou duas taças de champanhe de um garçom que passava e murmurou um pedido antes de entregar o casaco ao homem.

Um momento depois, ele entregou-lhe uma taça e se aproximou. Francesca teve a impressão de que os participantes de toda parte tentaram centrar a sua atenção de volta as suas próprias conversas, dando-lhes um pouco de privacidade. Ian tocou sua taça com a dela.

—Para você, Francesca. Que você tenha tudo o que merece na vida, porque não há ninguém tão merecedor.

—Obrigada—, ela murmurou, tomando um gole relutante, sem saber como devia estar se sentindo nestas circunstâncias desconcertantes.

—Você passaria esta noite comigo, tanto agora como—, ele olhou em volta do saguão lotado, — depois? Há algumas coisas que eu gostaria de dizer-lhe em privado. Eu espero que você ouça.

Sua garganta apertou quando ela adivinhou o que algumas dessas "coisas" poderiam ser. De repente, ela duvidava que poderia suportar as próximas horas, imaginando o que ele diria. Uma pequena parte dela disse que devia recusar, a parte que queria manter seu coração seguro. Mas então ela olhou em seus olhos, e sua decisão foi tomada.

—Sim. Eu vou ouvir.

Ele sorriu, pegou sua mão e a levou para a multidão.

***

Era meia-noite no momento em que Ian abriu a porta de seu apartamento para ela e entrou na sala iluminada sutilmente, elegante.

—Eu pensei que nunca veria este quarto novamente—, disse ela, sem fôlego, olhando ao redor, apreciando os pequenos detalhes do santuário privado de Ian como ela nunca fez antes. Eles estavam juntos a noite toda, Ian nunca deixando seu lado, Francesca altamente ciente de como ele a apresentou aos manda-chuvas do mundo da arte ou lhe mostrou os últimos quatro dos seus quadros que haviam sido recuperados, ou eles conversaram com amigos e a família. Todo o

tempo, ela se perguntava o que ele estava pensando. . . o que ele diria a ela quando estivessem sozinhos em privado.

Ela havia sido cortejada por três galerias de renome para as coleções futuras e recebeu um pedido para fazer uma exibição no Museu de Arte Contemporânea de Barcelona. Ela olhou para Ian para isso, já que ele era o dono dos seus quadros atuais, e ele deu a ela carta branca, que ela que decidiria. Quatro coletores fizeram lances em seus quadros, embora Ian tivesse se recusado a vender, à queima-roupa. Para cima de tudo isso, uma das ofertas foram feitas na companhia de seu pai, cuja incredulidade no preço mencionado tinha feito seu pai empalidecer. Em geral, o efeito de Ian em ambos os pais tinham sido bastante acentuados. Eles tinham sido tão solícitos e ansiosos para agradá-la que ela tinha certeza de Ian deve ter pensado que era mentirosa sobre tudo o que havia dito sobre eles. Francesca estava um pouco aborrecida com esta inesperada atitude, esse comportamento servil, mas na maior parte do tempo ficou apenas aliviada por se comportarem tranquila e agradavelmente a noite toda.

Ian fechou a porta de sua suíte e inclinou-se contra ela. Ela olhou para ele.

—Obrigada, Ian—, disse ela, sem fôlego. —Eu senti como a bela do baile hoje à noite.

—Estou feliz que você veio.

—Eu duvido que tivesse ido se Davie e os outros não tivessem me enganado. Eu não achei que você gostaria de me ver depois de Londres. . . depois de tudo. Você estava tão irritado.

—Eu estava, sim. Não fiquei por muito tempo, no entanto.

—Não?—, ela perguntou em voz baixa.

Ele balançou a cabeça, nunca quebrando seu olhar. Sua boca se apertou.

—Não. Mas eu também não conseguia descobrir o que diabos estava acontecendo. Não demorou muito tempo para saber, mas então tive que encontrar uma maneira de dizer em uma situação onde você não podia fugir de mim com muita facilidade. Peço desculpas por essa noite evasiva.— Sua boca torceu como se tivesse comido algo amargo. —Sinto muito, no geral.

Ela começou com surpresa pela a sua declaração dura.

—Para qual parte?

—Por tudo isso. Desde a primeira coisa que disse a você que estava insatisfeito e insensível até a última coisa egoísta que fiz. Sinto muito, Francesca.

Ela engoliu em seco, incapaz de encontrar seu olhar por algum motivo. Mesmo sabendo que o intercâmbio como este era necessário, dado tudo o que tinha acontecido entre eles, ele ainda parecia tão secundário em comparação com o que tinha visto em Londres.

—Como está a sua mãe?—, ela perguntou em voz baixa.

—Estabilizada—, disse ele, ainda encostado na porta. Ele exalou depois de alguns segundos e deu um passo na direção dela. Ela não conseguia parar de olhar quando ele tirou o paletó de smoking e colocou-o na parte de trás de uma cadeira, fascinado pela sua beleza masculina. —Não há muita esperança de que ela vai melhorar neste

regime de medicação especial, mas ela não vai ficar pior. Isso é algo, pelo menos.

—Sim. É. Eu sei que você não quer a minha piedade, Ian. Eu entendo isso. Não fui a Londres para oferecer-lhe a simpatia.

—Então por que você foi?— Ele disse, sua voz calma até o momento, discreto, completa.

—Para oferecer-lhe o meu apoio. Eu sabia que o que estava em Londres doía em você, mesmo que não tivesse ideia do que iria encontrar lá. Eu só queria estar lá para você. Isso é tudo.

Ele deu um pequeno sorriso.

—Você faz parecer que isso é uma coisa tão pequena e descartável. Não. . . Eu fazia parecer assim. Eu levei o seu ato de carinho e gentileza e joguei em seu rosto—, disse ele sem rodeios, sua mandíbula rígida.

—Eu sei que fez você se sentir exposto. Sinto muito.

—Eu tive que protegê-la por um longo tempo—, disse ele, de repente, depois de uma longa pausa.

—Eu sei. Anne me disse,— ela entendeu que se referia a sua mãe.

Ele franziu a testa.

—Foi a vovó que me disse que eu estava sendo um burro, egoísta teimoso. Ela não falou comigo por uma semana quando confessei algumas das coisas que disse a você por aparecer no Instituto. Ela

nunca fez isso antes—, disse ele, com o cenho franzido, como se ainda não estivesse cem por cento de certeza do que fazer com sua avó, amorosa muito elegante chamando-o de burro.

Seu coração gaguejou em grata surpresa com a notícia do apoio de Anne.

—Eu não estava lá para julgar. Mesmo se estivesse, não teria tido nada para colocar em julgamento, mas uma mulher muito doente e um filho que a ama e espera por ela, apesar de tudo.

Ele empurrou o queixo, olhando para a parede.

—Eu te tratei injustamente. . . de forma errada. Eu gosto de puni-la pela excitação sexual, mas nunca realmente quero te machucar. Mas aquele dia no avião eu fiz. Não totalmente, mas parte de mim queria.

—Fazer doer em mim como estava doendo em você?

Seu olhar brilhou culposamente para o rosto dela.

—Sim.

—Eu entendi, Ian—, disse ela suavemente. —Não foi o que aconteceu na suíte do avião que me chateou. Você não me machucou, e deve saber que eu sentir prazer nele. O problema foi que você se afastou de mim depois.

Ela sentiu a tensão aumentar.

—Eu estava envergonhado. Dela. De você vê-la. De mim mesmo por ainda ter esse sentimento maldito crescendo em mim, de não querer que os outros a vissem. Por que isso importa agora?— Ele disparou.

As palavras amargas pareciam pairar no ar entre eles, uma toxina expelida, palavras secretas que ele buscou fundo dentro de seu espírito desde que ele era uma criança, talvez o mais crucial, era que essas palavras poderosas ele nunca tinha dito a ela. . .nunca tinha dito a ninguém.

Francesca caminhou até ele e colocou os braços ao redor de sua cintura, descansando a bochecha em sua camisa branca. Inalando seu cheiro único de macho, ela abraçou-o apertado. Ela apertou suas pálpebras fechadas quando a emoção tomou conta dela. Ela entendeu o quão difícil era para ele dizer essas coisas, um homem que ritualisticamente se guardava contra a vulnerabilidade, que permaneceu impassível e forte, porque ele acreditava que não tinha outra escolha.

—Eu te amo—, disse ela.

Ele capturou-lhe o queixo com os dedos e levantou o rosto para ele. Ele passou o dedo sobre sua mandíbula. Ela notou sua carranca quando ele a estudou.

—O que há de errado?— Ela sussurrou.

—Eu não me dou permissão para me apaixonar por você.

Ela riu suavemente quando absorveu suas palavras nitidamente faladas. Bem coisa dele, dizer algo como isso. Amor inchou em seu peito, tão grande e tão puro, que beirava a dor.

—Você não pode controlar tudo, Ian, muito menos isto. Isso significa que você faz? Me ama? —, Ela perguntou hesitante.

—Eu acho que poderia ter te amado mesmo antes de nos conhecermos, desde que percebi que era você que me capturou na tela. . . você que tratou a minha dor com uma mão tão sábia. Isso me envergonhou, o que você viu, mas eu não podia evitar, mas quero que você veja mais de mim. Você é muito boa para mim —, declarou ele asperamente. —E eu tenho certeza que não mereço você. Mas você é minha, Francesca. E por que vale a pena. . . Eu sou seu. Por quanto tempo você me quiser.

As palavras a sacudiram e balançaram seu mundo, colocando-a fora de equilíbrio. Mas então sua boca se encontrou com a dela, e ela encontrou seu centro.

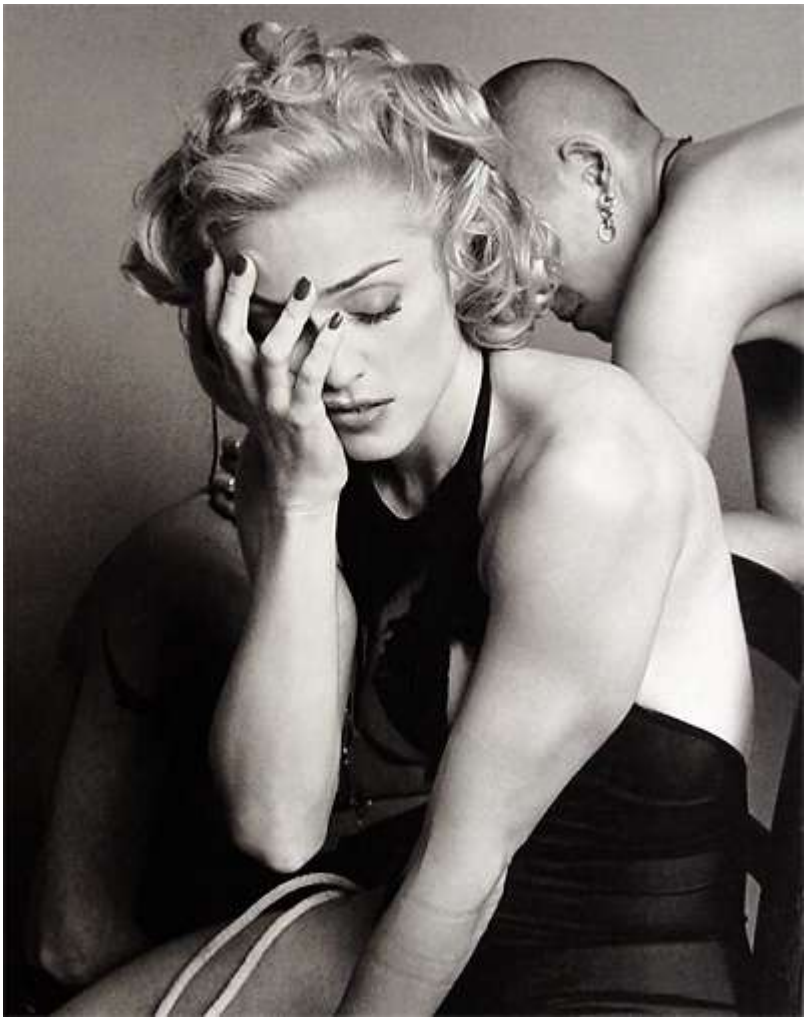
Fim

Agradecimento!

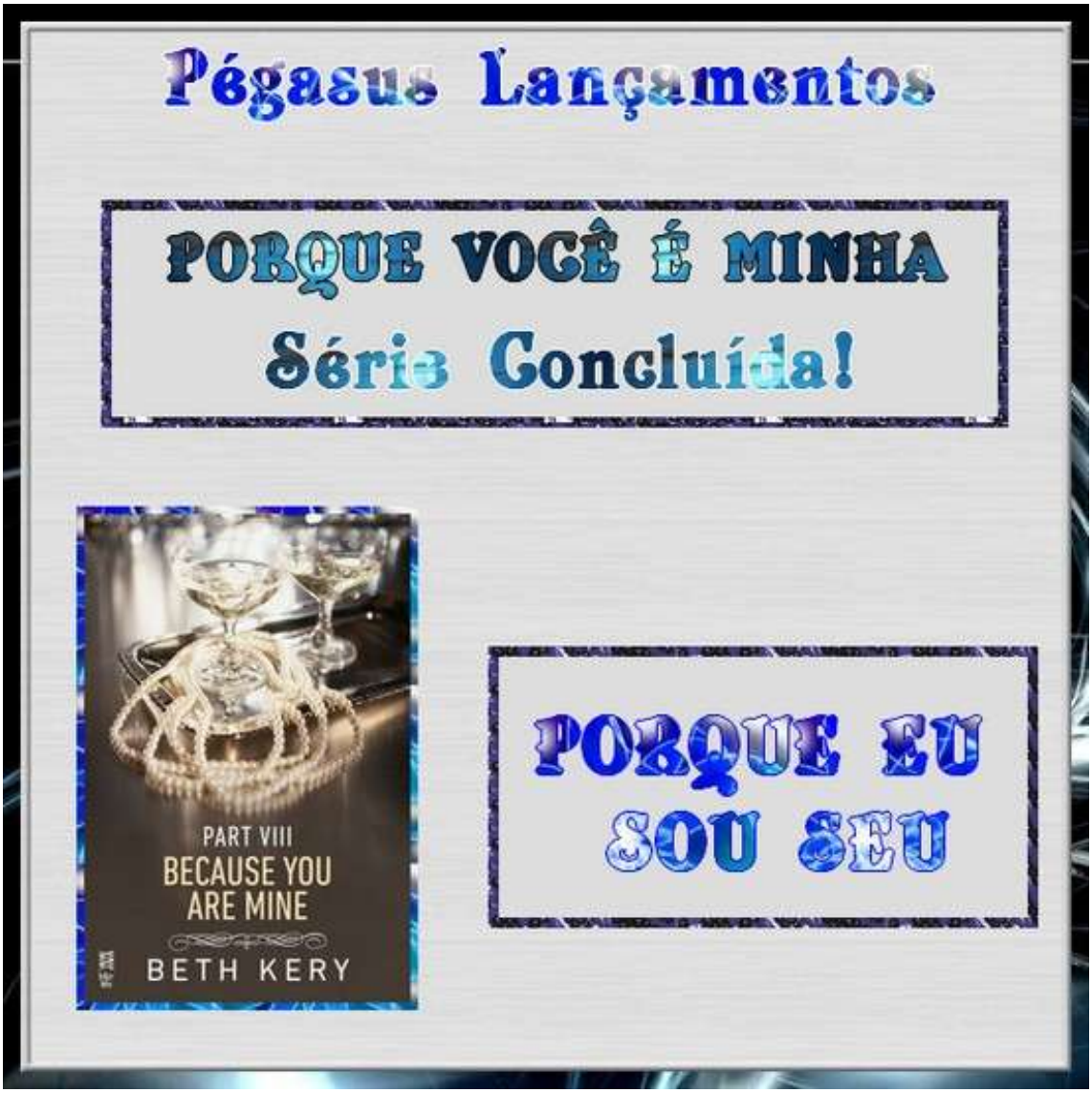
Nosso agradecimento a todas as tradutoras, revisoras e formatadoras que fizeram esse trabalho possível.

A nosso publico fiel que nos acompanha em todos os lançamentos, e aguarda e respeita nossas publicações, vocês são maravilhosos e para vocês que fazemos nosso lançamento.

Não deixem de acompanhar nosso batepapo e blog, novos lançamento vem por ai!



Série Porque você é Minha



Novidades para 2013, viste o nosso grupo de batepapo e Nosso blog